



Diversão: todo o ano, durante três dias, 340 participantes homens se dedicam a contar causos, declamar poemas e a compor uma canção sobre um tema proposto num prazo máximo de 17 horas

TRADICIONALISMO Restrito a convidados, festival de música realizado em São Borja celebra a amizade e as raízes gaúchas

Os espíritos cantam na Barranca

CARLOS ETCHICHURY (TEXTOS) e EMÍLIO PEDROSO (FOTOS)

Luiz parece à vontade quando acomoda na perna direita a gaita Scandalli, negra, e toca um chamamé, sem pressa.

Aos poucos, Jorge, Vinícius, Pirisca, Yamandú, Mário, Elton, que segura um copo de vinho na mão direita, puxam cadeiras de madeira e se sentam à sua volta. Luiz olha para Daniel e desafia:

– Só está faltando tu na roda... – convoca o gaiteiro.

Gaúcho de Santa Vitória do Palmar, filho de um chileno e de uma argentina, Daniel atende ao chamado. Ele se aproxima e canta um bolero, em espanhol, acompanhado da gaita de Luiz. Seria apenas um encontro de amigos não fossem os protagonistas alguns dos principais compositores e intérpretes da música que se produz no sul do Brasil.

Naquela tarde de Quinta-feira Santa, Luiz Carlos Borges, Vinícius Brum, Mário Barbará, Elton Saldanha, Yamandú Costa, Pirisca Grecco, Daniel Torres iniciavam a segunda tertúlia do 33º Festival da Barranca, que ocorreu até o Sábado de Aleluia. O evento reuniu 340 convidados, a 12 quilômetros de São Borja, às margens do Rio Uruguai, na fronteira com a Argentina.

As tertúlias são momentos especiais do festival. Enquanto alguém toca, ninguém fala. Até os borrachos respeitam. A Barranca é

marcada pela peculiaridade. Durante três dias, apreciadores do folclore e da arte gaúchos acampam em um pesqueiro do Uruguai para contar causos, declamar poemas, compor, tomar trago e celebrar a amizade. Uma amizade que se mede pela quantidade de xingamentos proferidos.

– Aqui, nome feio é bonito. Os homens se encontram, se puteiam e se abraçam. Um cumprimento de irmão. É um troço diferente disso, chê. Difícil de explicar – diz Luis Carlos Miranda Baptista, 66 anos, o Caeco, pecuarista e compositor.

Uma das idiossincrasias da Barranca é o veto à presença de mulheres. Vão ao festival, que ocorre sempre no feriado de Páscoa, apenas homens e convidados – público em geral e a imprensa têm acesso vetado. As prendas são excluídas porque o encontro é resultado de uma pescaria de integrantes do grupo Os Angüeras e amigos, um evento restrito ao macharedo. A tradição se repete desde 1972.

Mas essa é apenas uma das suas singularidades. Artistas dispõem de 17 horas para escrever e musicar as letras concorrentes. E ninguém recebe um centavo pela composição vitoriosa. O tema este ano foi o sorriso, estabelecido às 23h da sexta-feira. Letras e melodias foram feitas na madrugada do sábado e apresentadas à noite.

O festival tem significados distintos.

A mais célebre definição foi a do falecido jornalista e escritor Luiz Sérgio Metz, o Sérgio Jacaré:

– A Barranca é um comício de espíritos.

Este ano o festival foi acompanhado com exclusividade por Zero Hora. Confira a seguir.

carlos.etchichury@zerohora.com.br

Evento surgiu ao acaso

Na Semana Santa de 1972, o poeta Apparício Silva Rillo e os amigos José Bicca, Antônio Augusto Fagundes (Nico), Carlinhos Castilhos (Passaronga) e Juarez Bittencourt (Xuxu), entre outros, tomavam umas que outras, sorviam mate e contavam causos em um acampamento no “Pesqueiro do Bomba”, no Rio Uruguai.

– E se a gente fizesse o nosso festival?

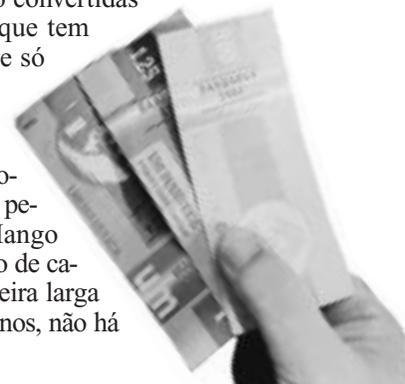
Tio Manduca, recorda Rillo em uma carta escrita em 1985, propôs que as composições tivessem um tema único, nomeou-se o presidente da “comissão” e lançou o tema: “acampamento de pescaria”. E acrescentou:

– Sábado de noite os artistas se apresentam. Vocês têm o dia todo de amanhã para trabalhar o tema. Tá resolvido... – estabeleceu Manduca.

Manduca é a moeda

A Barranca reúne pessoas de matizes políticos opostos, ateus convictos e religiosos fervorosos, homens de classes sociais distintas, de conhecimentos artísticos profundos ou rasos. É como se um país isolado do mundo funcionasse nos três dias de festival. Até a moeda é diferente. As notas de Real são convertidas em Manduca (foto) – moeda que tem paridade cambial com o Real e só vale no festival.

A disciplina interna é mantida pela “comissão da putiada”. Normalmente o presidente da comissão é um sujeito que atende pela simpática alcunha de “Mango Feio” – em homenagem ao relho de cabo, feito de madeira, com açoiteira larga de couro não trançado. Em 33 anos, não há registros de brigas.



Data Publicação : 18/04/2004

Indexador : Dioclécio Lopes

Editoria : Geral

Ilustração : Foto

Assunto :

Música Tradicionalista, Tradicionalismo, Músico, Festival, Interior, Rio Grande do Sul, Capa, Contracapa
Participante, Causo, Declamação, Encontro, Participante, Cantor, Surgimento, História, Evento
Artístico, Arte

Observação CDI :

Leia mais nas páginas 41 e 42.